


A saga do tradutor traído: flexões lexicais da *conlang* orwelliana em tradução brasileira


The saga of the betrayed translator: lexical inflections of the orwellian's conlang in Brazilian translation

La saga del traductor traicionado: flexiones léxicas de la conlang orwelliana en traducción brasileña

Tales Giovanni Bernardino¹

 0009-0002-6016-3445

Lilium Cristina Marins²

 0000-0002-9954-4985

RESUMO: Este trabalho é um recorte do relatório de iniciação científica fomentado pela Universidade Estadual de Maringá (2024-25), tendo como *corpus* a *conlang* presente no romance distópico '1984', de George Orwell (c1977), e a tradução de Heloisa Jahn e Alexandre Hubner publicada pela Companhia das Letras (Orwell, 2021). Com base nos estudos pós-estruturalistas da tradução (Arrojo, 1999; Blume e Peterle, 2013; Esteves, 2014) e no estudo de línguas artificiais (Noletto; Norledge e Stockwell, 2024), objetivamos explorar como os tradutores estão ou não inseridos nesta obra de literatura distópica e comparar o aspecto flexional nas duas versões observadas. A partir das análises concluímos que a tradução brasileira selecionada demonstra uma escolha deliberada em adaptar e reconhecer algumas diferenças morfológicas específicas entre as línguas inglesa e portuguesa, destacando, a partir de uma nota de rodapé, a ressalva de que a *conlang* traduzida tem algumas limitações. Defendemos a ideia de que o tradutor não só pode como deve assumir o papel de *conlanger* durante o processo de tradução do '1984' e obras semelhantes, desvinculando-se da ideia de ser um traidor em potencial e demarcando deliberadamente a sua voz enquanto co/re/criador linguístico-literário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Distópica; Estudos da Tradução; Conlang.

ABSTRACT: This work is part of the final report of the scientific initiation fomented by the State University of Maringá (2024-25), and its corpus is the *conlang* present in the dystopian novel '1984', by George Orwell (c1977), and Heloisa Jahn and Alexandre Hubner's translation published by *Companhia das Letras* (Orwell, 2021). Based on the post-structuralist translation studies (Arrojo, 1999; Blume and Peterle, 2013; Esteves, 2014) and on the artificial language studies (Noletto; Norledge and Stockwell, 2024), we aim to explore how the translators are or are not embedded in this dystopian literature work and compare the inflexional aspect in both observed versions. From the analyses we concluded that the chosen Brazilian translation demonstrates a deliberate choice in adapting and recognizing some specific morphological differences between the English and Portuguese languages, highlighting, through a footnote, the warning that the translated *conlang* has some limitations. We defend that that translator not only can, but must assume the role of *conlanger* during the translation process of '1984' and works alike, moving away from the

¹ Graduando. Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: ra134387@uem.br

² Doutora. Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: lmarins@uem.br

BERNARDINO, T. G.; MARINS, L. C. A saga do tradutor traído: flexões lexicais da *conlang* orwelliana em tradução brasileira

idea of being a potential betrayer and deliberately setting their voice as linguistic-literary co/re/creator.

KEYWORDS: Dystopian Literature; Translation Studies; Conlang.

RESUMEN: Este trabalho es un extracto del informe de iniciación científica fomentado por la Universidad Estatal de Maringá (2024-25), cuyo corpus es la *conlang* presente en la novela distópica *1984*, de George Orwell (c. 1977), y su traducción al portugués realizada por Heloísa Jahn y Alexandre Hubner, publicada por la *Companhia das Letras* (Orwell, 2021). Basándonos en los estudios posestructuralistas de la traducción (Arrojo, 1999; Blume y Peterle, 2013; Esteves, 2014) y en los estudios sobre lenguas artificiales (Noletto, Norledge y Stockwell, 2024), nos proponemos explorar en qué medida los traductores están o no insertos en esta obra de literatura distópica y comparar el aspecto flexional en las dos versiones analizadas. A partir de los análisis, concluimos que la traducción brasileña seleccionada muestra una elección deliberada de adaptar y reconocer algunas diferencias morfológicas específicas entre las lenguas inglesa y portuguesa, destacando, mediante una nota a pie de página, la salvedad de que la *conlang* traducida presenta ciertas limitaciones. Defendemos la idea de que el traductor no solo puede, sino que debe asumir el papel de *conlanger* durante el proceso de traducción de *1984* y obras similares, desvinculándose de la noción de ser un traidor en potencia y marcando deliberadamente su voz como co/re/creador lingüístico-literario.

PALABRAS CLAVE: Literatura distópica; Estudios de traducción; Conlang.

Distopia ou Utopia Negativa: Introdução conceitual

O imaginário literário pode ser representado de diversas formas, dentre as quais destacamos a utopia, gênero em que os autores visam alertar seus contemporâneos sobre problemas sociais a partir de críticas e pontos de vista diversos. A seleção destes é crucial para a análise de uma obra, já que pode reforçar o caráter positivo de uma utopia propriamente dita, ou se tornar uma distopia, que é um subgênero da utopia, apresentando características específicas. É neste contexto que encontramos o romance em língua inglesa de George Orwell, '1984', que aborda uma sociedade tripartida em decadência e tomada pelo absolutismo do partido *Ingsoc*, realidade em que encontramos Winston Smith, a protagonista da obra.

De acordo com Júlia Silva de Oliveira, Eduardo Miguel da Silva e Henrique da Silva Marques (2020, p. 269), precisamos distinguir como o pensamento utópico se caracteriza em uma obra, pois pode se manifestar de diversas maneiras. Segundo os autores, os subgêneros da utopia são criados a partir do princípio de

inversão, que se manifesta de forma opositiva, contrastiva e/ou paradoxal, de modo que todo o universo adotado por uma utopia esteja em uma posição polêmica quando relacionado com o universo tomado como base, seja ele real ou não. No caso de utopias positivas, ressaltamos também que o mundo real sempre será melhor e preferível quando posto em paralelo com o artificial.

O fato de o gênero utópico se basear na descrição de sociedades ideais e antitéticas ao universo empírico deu origem à vertente de pensamento intitulada utopismo, que é dinâmica, crítica e progressista em relação à realidade - opondo-se à estática da utopia, palavra cuja origem remonta à obra homônima publicada em 1516 por Thomas More³, como afirma Yohana Gonçalves Bonfim (2019, p. 4). O neologismo foi utilizado para nomear o país fictício na obra *Moriana*, mas passou a caracterizar idealizações de sociedades perfeitas e inalcançáveis (Oliveira; Silva; Marques; 2020, p. 268); é oriundo da junção dos morfemas gregos *ού* e *τόπος*, isto é, o não-lugar, o lugar nenhum.

A ambientação de uma obra utópica usualmente se dá a partir de viagens, de um estrangeiro que, ao se deparar com essas terras fantásticas, encontra-se perdido e não se sente pertencente, de forma que o universo será apresentado a ele ao mesmo tempo em que o é para o leitor. Para além de construir e ambientar o utópico, o estranhamento da personagem pode ser compreendido como uma representação mimética da sensação do leitor perante o ficcional presente na sociedade representada (Bonfim, 2019, p. 5). Esta se baseia na tentativa de exaurimento de idiosincrasias e características identitárias.

Diante da abordagem racionalista exacerbada evocada pelas utopias, surgiram vertentes que criticam as idealizações de uma sociedade universalmente perfeita, visto que isso implicaria no apagamento das diversidades e na adoção de uma normatização e padronização ideológica a todos os habitantes de dada esfera social. Assim sendo, no final do século XVII, como tentativa reacionária de defender as individualidades e uma estabilidade social mais próxima ao realizável e alcançável, surgiram as utopias negativas, também conhecidas como distopias

³ Ainda que não haja um consenso em como escrever o nome do autor, optamos por adotar a grafia Thomas More (Bonfim, 2019) em vez de Thomas Morus (Oliveira; Silva E.; Marques; 2020).

BERNARDINO, T. G.; MARINS, L. C. A saga do tradutor traído: flexões lexicais da *conlang* orwelliana em tradução brasileira

(Bonfim, 2019, p. 6). Estas se originam com o intuito de criticar a rigidez no controle de ações individuais - a fim de se estabelecer uma estrutura social estável - e são definidas não por serem contrárias às utopias negativas, mas por suas narrativas que estendem de forma radical o mesmo princípio (Bonfim, 2019, p. 6).

Bonfim (2019, p. 7) ressalta ainda que, diferentemente das utopias, a figuração da sociedade nas utopias é de um desenvolvimento em progresso, de forma que o modelo social ideal ainda não foi atingido, motivo pelo qual há comumente a figuração de esforços por parte do Estado totalitário em se manter no poder, utilizando de mecanismos de controle diversos, sejam eles violentos ou não. Segundo a autora (2019, p. 7), o objetivo principal desta homogeneização ideológico-comportamental é o condicionamento do indivíduo ou a aceitação forçada do regime, o que implica a alienação e a perda identitária.

De acordo com Israel Alves Corrêa Noletto, Jessica Norledge e Peter Stockwell (2024, p. 154), é comum que vários textos distópicos descrevam soluções que não são plausíveis para estes problemas, estando ou não sobrepostos à ficção científica, de forma que objetivam alertar, criticar e/ou ensinar uma lição. Em obras distópicas, os códigos linguísticos exercem um papel crucial para o desenvolvimento narrativo. O uso de *conlangs* é um exemplo bom desse mecanismo de controle e regulação, em que o Partido realiza alterações na língua como forma de evitar possíveis rebeliões (Noletto; Norledge; Stockwell, 2024, p. 161). Em '1984', Winston Smith tem sua língua restrita e é torturado para fins de recondicionamento, perdendo sua identidade e sendo publicamente executado. Bonfim (2019, p. 20) utiliza o termo anti-mártir para se referir à protagonista, visto que de nada valeu seus esforços contra o autoritarismo do Partido e também não servirá de inspiração para ninguém.

Outrossim, a restrição da língua não implica apenas em questões linguísticas, mas também nas de cunho artístico e de consciência. Por esse motivo, é frequente que haja tentativas de controlar e manipular os códigos linguísticos, o que, na obra, pode ser observado a partir da reescrita ideológica do cânone literário, que implica na reafirmação de relações de poder a partir da linguagem. Podemos observar que isto se confirma na narrativa a partir do excerto que se infracita.

Lá por 2050 - ou antes, talvez - todo conhecimento real de Velhafala terá desaparecido. Toda a literatura do passado terá sido destruída. Chaucer, Shakespeare, Milton, Byron existirão somente em suas versões em Novafala, em que, além de transformados em algo diferente, estarão transformados em algo contraditório com o que eram antes (Orwell, 2021, p. 97 - 98).

Esta destruição da literatura visa um apagamento identitário das personagens, já que um povo sem instrução formal e pensamento crítico é mais passível de manipulação. Os ditadores sabem que é mais fácil imperar sobre indivíduos acríticos que vivem na ignorância, servindo como massa de manobra e disseminação ideológica. Noletto, Norledge e Stockwell (2024, p. 161) afirmam que nas distopias, a leitura e a escrita tendem a ser figuradas como crimes ou proibições e a criatividade linguística reduzida ou impossibilitada para facilitar esse monitoramento partidário. No entanto, ainda que tomemos como ponto de partida a observação de uma obra ficcional, podemos notar que os mecanismos utilizados por Orwell refletem artifícios reais que podem ser observados em contextos de autoritarismo em diversos períodos históricos, como é o caso do nazismo. Por esse motivo, a regulação para com a língua é tão importante no romance, que este não seria ambientado da mesma forma sem a presença do *Newspeak*.

Línguas artificiais que criam e ambientam distopias

Em se tratando de conteúdos literários, há a tendência de se haver um tratamento especial para com a linguagem, seja a partir da exploração fonético-fonológica, da escolha lexical minuciosa, do uso de figuras de linguagem ou, até mesmo, a partir da omissão ou criação de uma determinada língua. Narrativas distópicas, como 'A Clockwork Orange', de Anthony Burgess e 'Nineteen Eighty-Four', de George Orwell, apresentam, muitas vezes, a língua como uma forma de manipulação e disseminação ideológico-cultural. Desta forma, Noletto, Norledge e Stockwell (2024) ressaltam a atribuição de carga política à representação linguística e à função de dominação de poder aos governos

despóticos, afirmando que ambos romances possuem línguas fictícias que são abordadas em suas tramas, sendo partes constitutivas e cruciais à construção da obra. O *Nadsat* e o *Newspeak*, respectivamente, tomam como base as línguas russa e inglesa e são usadas para a ambientação literária e imersão dos leitores. Além de servirem para gerar estranhamento, os idiomas criados “abrem uma janela única em suas narrativas, atingindo o leitor em níveis impossíveis para a prosa ortodoxa” (Noletto; Norledge; Stockwell, 2024, p. 4)⁴.

A partir do momento em que definimos uma língua como o código de um povo, podemos concluir que há um processo criativo de invenção, visto que esta é formada a partir de um acordo tácito realizado pelas comunidades de fala de cada local. Assim sendo, “Todas as línguas são inventadas, mas nem todas as línguas são reais” (Noletto; Norledge; Stockwell, 2024, p. 1)⁵; ou seja, a diferença principal entre uma língua natural e uma língua artificial é o seu uso ou não em sociedade. Diversos são os motivos pelos quais idiomas se originam, seja a partir do encontro entre povos, colonização, guerras ou apenas por fins artísticos, como é o caso do *Newspeak*, cuja utilização principal é a de corroborar as teses defendidas no livro de Orwell.

No entanto, o processo de aquisição de um novo código ocorre de maneira gradual. Podemos apreender que a imposição do *Newspeak* para os falantes da Oceânia influenciará e será mutuamente influenciada pelo idioma local, o *Oldspeak* (ou Velhafala, na tradução de Hubner e Jahn). Ainda que esteja em seu estado germinal e se trate de uma imposição fictícia, esta permite que discutamos acerca do fato de a língua não ser isenta de aspectos sociais e culturais, o que implica no fato de que uma língua não se manterá nunca em seu estado “puro”, já que irá evoluir e se adaptar à sua comunidade de fala.

O *Newspeak* é baseado na ideia de destruição de palavras, em oposição ao ciclo natural dos idiomas, o que é justificado pela tentativa constante de controle e redução do pensamento. As *conlangs* são criadas para mundos artificiais por

⁴ “open a unique window into their narratives, reaching the reader at levels impossible for orthodox prose”

⁵ “All languages are invented, but not all languages are real”

diversos motivos, podendo servir para diversos propósitos, como fazer parte da tessitura narrativa ou apenas exercer a função da arte pela arte (Noletto; Norledge; Stockwell, 2024, p. 1).

Se assumirmos o *Newspeak* como tendo um valor primariamente artístico, reiteramos o seu valor subjetivo e multifacetado. Assim como obras de arte plástica, as línguas artísticas possuem diversas camadas de interpretação que podem ser acessadas de acordo com o público que as consome, ou seja, a visão que um crítico especializado terá de uma obra será bem diferente da visão de um apreciador sem formação, assim como a interpretação de um linguista será diferente da interpretação de um leitor comum. No entanto, as obras podem ser adequadas para os mais diversos públicos, possuindo um aprofundamento para os que o desejarem, mas sendo de fácil leitura para os que buscam entretenimento. Afinal, a presença de uma *conlang* não deve diminuir ou dificultar o consumo e a experiência geral, mas potencializá-los (Noletto; Norledge; Stockwell, 2024, p. 32).

Dentre as formas mais comuns utilizadas na literatura de ficção para permitir a exploração destas línguas construídas para aqueles que se interessem por tal, encontramos glossários, apêndices, obras derivadas e/ou até mesmo a criação de grupos on-line e blogs para a divulgação de materiais complementares, o que pode ter um impacto muito positivo e significativo no que diz respeito à interpretação e leitura destas obras (Noletto; Norledge; Stockwell, 2024, p. 7). Orwell, por exemplo, apropria-se da utilização de um apêndice, no qual aprofunda aspectos morfoconstitutivos e práticos de sua *conlang*.

Outro aspecto importante de se destacar é a pluralidade de leituras e interpretações que a criação linguístico-literária proporciona. Os contextos sócio-histórico-culturais, tanto dos autores quanto dos leitores, são determinantes para os pontos de vista dos quais se parte para uma análise. Pesquisas que trabalham com obras artístico-literárias tendem a se basear em aspectos históricos, mas com a predominância de subjetividade e análises qualitativas, o que garante uma construção coesa da ficção, alicerçando-se no mundo real. O processo de leitura pode ser compreendido como uma forma de criar e acessar respostas, possibilitando a obtenção de uma compreensão fundamental que integre as próprias

BERNARDINO, T. G.; MARINS, L. C. A saga do tradutor traído: flexões lexicais da *conlang* orwelliana em tradução brasileira

vivências de mundo do leitor à obra, criando, moldando e remendando o texto com base em experiências, vivências e na exploração do ficcional (Noletto; Norledge; Stockwell, 2024, p. 11).

Ao mesmo tempo em que cria e influencia a obra, a língua é cocriada e influenciada por esta, cabendo ao tradutor a incumbência de saber utilizar de sua expertise com as palavras para reambientar a obra na língua-alvo. Rosemary Arrojo (1999) assegura que a preocupação do agente tradutório não deve se localizar no espaço da tentativa de buscar uma “equivalência menardiana” ou ser “fiel” ao tido como “original”, mas a de impôr suas ideologias e escolhas pessoais como artifício interpretativo. A partir do momento que definimos a tradução como uma leitura interpretativa por parte do tradutor, percebemos que ele não é um traidor; pelo contrário, podemos pensar em um tradutor que é traído pelas mãos do mercado e do senso comum.

Análise comparativa de flexões lexicais do *Newspeak* com tradução brasileira

O romance orwelliano ‘1984’ apresenta, de forma clara e direta, a tentativa de manipular o pensamento e consciência das pessoas por meio da criação e implementação de um novo código linguístico, o *Newspeak*, que se baseia na alteração de itens lexicais para se adequarem à doutrina do partido. O uso de slogans é frequente, pois se trata de uma forma de propagação de ideologias fácil, rápida e massificada. Alterar um slogan, portanto, é uma tentativa de mudar o pensamento das pessoas. Ademais, a manipulação da literatura implica a alteração do conhecimento adquirido e das mídias consumidas, de forma que, ao se censurar uma obra literária, o objetivo é impossibilitar o pensamento crítico, negar a história e apagar a cultura. Com todas as alterações propostas, o *Ingsoc* conseguiria afetar a população da forma mais efetiva possível: através do controle das mentes. Pessoas inconscientes e alienadas nunca irão se rebelar contra as injustiças do sistema, fazendo com que, hereditariamente, haja uma propagação ainda maior da ignorância.

A literatura do Partido será outra. Os slogans serão outros. Como podemos ter um slogan como 'Liberdade é escravidão' quando o conceito de liberdade foi abolido? Todo o clima de pensamento será diferente. Na realidade não haverá pensamento tal como o entendemos hoje. Ortodoxia significa não pensar - não ter necessidade de pensar. Ortodoxia é inconsciência (Orwell, 2021, p. 98)

O excerto infracitado ilustra a relação entre língua e pensamento, objetos passíveis de manipulação e controle a partir da propagação da ignorância e de pseudociência. Podemos perceber que Orwell menciona o apagamento e reescrita não apenas da linguagem documental e dialógica, mas também da língua literária, visando a reestruturação sociocultural e artística da sociedade em questão. Assim sendo, a re/criação da sociedade proposta em '1984' demanda a reorganização total das esferas sociais e implica na criação de um rebanho massificado e inconsciente que apenas sabe replicar o que lhe for imposto.

A partir desses pontos, percebemos que o uso de palavras inventadas não é arbitrário em '1984'. Pelo contrário, seu uso é tão bem delimitado que a obra não existiria da forma como é se não fosse pelo uso do *Newspeak*. Por esse motivo, ressaltamos a importância de se analisar a *conlang* (língua construída, do inglês *constructed language*) através da questão linguístico-ideológica durante o processo de tradução do romance distópico orwelliano. Além disso, o agente tradutor deve trazer esta discussão para as questões que tangenciam nossa própria sociedade e seus sistemas hierárquicos de poder, já que "O Newspeak, com seu design monótono e restritivo, reflete a opressão característica da sociedade distópica" (Noletto; Norledge; Stockwell, 2024, 176)⁶. Se tivermos em mente a ideia de que nossa sociedade está mais próxima de se aproximar de uma distopia que de uma utopia positiva, podemos afirmar que são de extrema relevância as discussões sobre esta temática na contemporaneidade.

⁶ "Newspeak, with its colourless and restrictive design, reflects the distinguishing oppression of dystopian society."

A morfologia do idioma orwelliano tem como base a determinação das funções frásticas de acordo com os afixos acrescentados na palavra base, supressão aleatória de uma palavra que forma um par natural de opostos e remoção de possíveis variações nas formas verbais e nominais. De forma simplificada, qualquer palavra, em princípio até mesmo conjunções, pronomes e palavras abstratas, “podia ser usada como verbo, substantivo, adjetivo ou advérbio” (Orwell, 2021, p. 357), a depender do afixo utilizado.

Ademais, o léxico era subdividido em três categorias peculiares. O ‘Vocabulário A’ incluía palavras relativas às atividades diárias, porém com um número reduzido de termos e “significados mais rigidamente definidos. Todas as ambiguidades e nuances de sentido haviam sido expurgadas” (Orwell, 2021, p. 357), o que dificultava seu uso com propósitos políticos e/ou literários. Podemos perceber também a remoção de alguns itens lexicais e a utilização de outros vocábulos de forma mais ampla, o que é reiterado na “palavra *pensamento*, por exemplo, [que] não existia em Novafala⁷. Seu lugar foi ocupado por *pensar*, que fazia as vezes de verbo e substantivo” (Orwell, 2021, p. 357), bem como na palavra *cortar*, que foi substituída pelo substantivo-verbo *faca*. A escolha pela forma a ser utilizada não segue um rigor etimológico e abrange termos com parentesco semântico, excluindo uma de suas formas ainda que não possuam ligação direta.

Segundo os modelos propostos pela morfologia traduzida em língua portuguesa por Heloisa Jahn e Alexandre Hubner, para se formar um adjetivo, basta acrescentar o sufixo -oso e, para advérbios, o sufixo -mente. De tal forma, *velocidoso* e *velocidademente* significavam, respectivamente, rápido e depressa em *Novafala*. Na versão em língua inglesa, no entanto, os adjetivos são formados pelo sufixo -ful, e os advérbios, pelo sufixo -wise; dessa forma, os termos em *Newspeak* são, respectivamente, *speedful* (rapid) e *speedwise* (quickly). É importante destacar que a questão primordial levada em consideração para a adição dos afixos é a manutenção da eufonia. Este princípio “sobrepunha todas as

⁷ Utilizamos ao decorrer do texto a nomenclatura em língua inglesa (*Newspeak*), utilizando a versão traduzida (*Novafala*) apenas em citações diretas ou quando nos referirmos especificamente ao processo tradutório.

outras considerações. Sempre que parecia necessário, a regularidade gramatical era sacrificada em seu favor” (Orwell, 2021, p. 363), permitindo pequenas irregularidades na língua a fim de facilitar sua cadeia prosódica. (Orwell, 2021, p. 358).

De igual modo, os sentidos poderiam ser alterados em quase todas as palavras apenas pelo acréscimo de prefixos prepositivos (Orwell, 2021, p. 358). Para cada afixo mencionado por Orwell, os tradutores mencionam uma opção cuja função seja a mesma, isto é, que quando utilizados na composição de palavras apresentam significados semelhantes. As díades escolhidas em inglês e português são, respectivamente, ante- ante-, post- pós-, up- sobre- e down- sub-. A partir da utilização destes, a gama lexical se amplia exponencialmente, ainda que o *Newspeak* seja baseado na redução vocabular, visto que as regras gramaticais podem se unir durante a criação dos neologismos, o que permite a criação de palavras compostas.

Para criar qualquer antônimo, basta adicionarmos o prefixo des- à palavra base; para dar ênfase, podemos utilizar o prefixo mais-, ou duplormais- de acordo com o grau de intensidade. De tal modo, se, do par natural de opostos “quente e frio”, escolhêssemos o vocábulo “frio”, teríamos, respectivamente, desfrio, maisfrio e duplormaisfrio para representar quente, muito frio e extremamente frio. Na versão base, por sua vez, as palavras são negativadas pelo afixo -un e intensificadas pelos afixos -plus e -doubleplus. Dessa forma, temos os seguintes neologismos: uncold (warm), pluscold (very cold) e doublepluscold (superlatively cold). No quadro 1 encontramos algumas regras criadas por George Orwell que permitem a exploração de aspectos gramaticais do inglês que divergem do português.

Quadro 1 - Flexões Regulares do Newspeak

Postulado Gramatical	Exemplos
Conjugação no pretérito e particípio passado são sempre regulares, terminando em -ed	Stealed, thinked
Todos os plurais são formados por -s, ou -es, de acordo com as regras já vigentes	Mans, oxes, lifes

A comparação de adjetivos é invariavelmente formada pelos sufixos -er e -est, sendo as formas irregulares e o uso de more e most suprimidos	Gooder, goodest
---	-----------------

Fonte: Elaborado pelo autor (2025), com base na obra 1984, de Orwell.

A observação das regras acima citadas permite que exploremos três características gramaticais da língua inglesa, sendo a primeira delas a conjugação no tempo pretérito e a flexão do particípio passado, os quais são marcados pela presença do sufixo -ed nos nomes regulares e formas específicas para os restantes. Nos exemplos citados, temos dois vocábulos irregulares, cujas flexões no infinitivo, tempo passado e particípio passado são, respectivamente, *steal*, *stole*, *stolen* e *think*, *thought*, *thought*. Podemos notar que há, por parte de Orwell, uma neutralização dessas formas alternativas, visando a redução vocabular e estruturação regular, o que é enfatizado no uso de *stealed* e *thought*.

A *posteriori*, em se tratando da pluralização dos substantivos, o inglês padrão apresenta duas possibilidades para os regulares (-s, ou -es), sendo a segunda empregada em vocábulos cuja forma singular é grafada em -o, -s, -ss, -sh, -ch, -x e/ou -z, e a primeira para os demais. Conquanto, há, devido às origens etimológicas, algumas palavras que possuem uma flexão irregular para o plural, como é o caso de *man*, *ox* e *life*, cujas declinações padrões são *men*, *oxen* e *lives*. É pensando nesses casos que Orwell postula a regra que todas as palavras em *Newspeak* terão seus plurais regularizados, mantendo um padrão estático e constante, reiterado pela utilização de *mans*, *oxes* e *lives*.

No terceiro caso, por sua vez, ao considerarmos os aspectos flexionais em grau dos nomes, é notória a diferença entre ambas as línguas observadas. Em português, um adjetivo se flexiona no comparativo pela utilização dos advérbios de intensidade “mais” ou “menos”, e no superlativo pela adição destes somada com um artigo definido. Em inglês, no entanto, para a flexão na forma comparativa de superioridade, o advérbio de intensidade “*more*” acompanha a maioria das palavras di ou polissilábicas e as demais regulares recebem o sufixo -er; para a flexão no comparativo de inferioridade, todas as palavras são acompanhadas do advérbio “*less*”. No que diz respeito ao superlativo, àquelas que receberiam o sufixo -er, são

BERNARDINO, T. G.; MARINS, L. C. A saga do tradutor traído: flexões lexicais da *conlang* orwelliana em tradução brasileira

acrescidas de -est, enquanto as demais são acompanhadas de “most”. Vale ressaltarmos que, na língua inglesa, algumas palavras possuem formas irregulares próprias nos graus de comparação, mas em *Newspeak* estas regras são ignoradas e todos os adjetivos são invariavelmente flexionados pelo acréscimo de -er e/ou -est, o que podemos observar no Quadro 2.

Quadro 2 - Flexão em Grau Comparada entre o Newspeak e o Inglês Padrão

Adjetivo base	Inglês Padrão	Newspeak
Cold	Colder, less cold, coldest	Colder, uncolder, coldest
Hot	Hotter, less hot, hottest	Uncolder, colder, uncoldest
Good	Better, less good, best	Gooder, ungooder, goodest
Bad	Worse, less bad, worst	Ungooder, gooder, ungoodest
Expensive	More expensive, less expensive, most expensive	Expensiver, unexpensiver, expensivest

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Como observado no quadro supracitado, ainda que a padronização das flexões possua características próprias no idioma em criação na obra ‘1984’, estas são baseadas em aspectos gramaticais da língua inglesa, o que demanda uma adaptação na versão traduzida, já que esta utiliza elementos próprios e conhecidos pelos falantes de português. Como escolha dos tradutores, podemos observar a ressalva feita em uma nota no início do capítulo referente aos princípios da *Novafala*. Nesta, os tradutores optam por informar ao leitor que há, por parte do autor do livro, uma exacerbação de alguns elementos sintáticos e morfológicos do inglês. Com base nesta nota, há um apelo ao leitor, solicitando a ciência de que tais inovações gramaticais tomam a língua inglesa como base e reiterando que “em algumas passagens, o texto precisou sofrer pequenas adaptações” (Orwell, 2021, p. 353). Este é um bom exemplo de como as vozes dos tradutores são diretamente trazidas para o texto, distanciando esta da obra-base e ressaltando sua originalidade e autonomia.

No que diz respeito ao ‘Vocabulário B’, há o destaque para as palavras compostas e de cunho político, cuja função se assemelha a uma taquigrafia verbal, visto que exprimem grandes extensões de ideias em poucas sílabas, além de exigir uma real compreensão dos princípios do *Ingsoc* para seu emprego correto. O amálgama resultante da composição é sempre um substantivo-verbo, o qual pode ser flexionado com as mesmas regras utilizadas para as palavras simples (Orwell, 2021, p. 359). As funções exercidas por cada sufixo podem ser compreendidas segundo o modelo abaixo:

Quadro 3 - Flexão de Vocábulo em Newspeak

Função Exercida	Forma Flexionada
Forma Base	goodthink
Substantivo-verbo	goodthink
Tempo e Particípio Passado	goodthink <u>ed</u>
Particípio Presente	goodthink <u>ing</u>
Adjetivo	goodthink <u>ful</u>
Advérbio	goodthink <u>wise</u>
Substantivo deverbal	goodthink <u>er</u>

Fonte: Elaborado pelo autor (2025), com base na obra 1984, de Orwell.

O entendimento do paradigma flexional de uma língua facilita a compreensão por parte de seus falantes, já que a morfologia das palavras dita características primordiais para sua significação. A palavra *goodthink*, que se trata da junção dos vocábulos *good* (bom) e *think* (pensar), faz referência à “ortodoxia”, ou mais especificamente, ao “pensar-se de maneira ortodoxa”. Quando é acompanhada do morfema zero (*goodthink*) age como substantivo e/ou como verbo; quando é acrescida de *-ed* (*goodthinked*) é empregada no tempo pretérito e como particípio passado do verbo; o sufixo *-ing* se refere ao particípio presente e assim sucessivamente para as demais flexões mencionadas no Quadro 3.

Ainda que os morfemas em si sejam distintos entre as línguas, elas tendem a possuir um sistema de funcionamento semelhante entre si. Por esse motivo, ao compararmos a tradução realizada para o português brasileiro (Orwell, 2021), percebemos muitas semelhanças com a versão base em inglês (Orwell, c1977), com a diferença de que os morfemas foram alterados de acordo com a língua do público-alvo, como podemos ver no Quadro 4.

Quadro 4 - Flexão de Vocábulo em Novafala

Função Exercida	Forma Flexionada
Forma Base	bompensar
Substantivo-verbo	benepensar
Particípio	benepensado
Gerúndio	benepensando
Adjetivo	benepensivo
Advérbio	benepensadamente
Substantivo deverbal	benepensador

Fonte: O autor (2025), com base na obra 1984, de George Orwell.

De relance, percebemos que a forma nominal do particípio é considerada em português em detrimento às formas do passado em inglês, o que se justifica por diferenças gramaticais, visto que a língua portuguesa apresenta, em se tratando do pretérito, formas verbais específicas flexionadas de forma número-pessoal, enquanto a língua inglesa possui uma forma única e padronizada para todas as pessoas do discurso. Há, também, a troca da palavra particípio presente (present participle) por “gerúndio”. A diferenciação entre bompensar e benepensar, no entanto, é resultado da tradução analisada, já que na língua inglesa ambos os termos são referidos como goodthink. Esta presença dupla de termos gera uma bifurcação inexistente no idioma de origem e opõe-se ao paralelismo criado com as demais declinações da palavra bem. Anteriormente esta palavra foi flexionada como benemente, de acordo com os

BERNARDINO, T. G.; MARINS, L. C. A saga do tradutor traído: flexões lexicais da *conlang* orwelliana em tradução brasileira

moldes sufixais de adverbiação propostos, o que indica que a preferência de raiz dos vocábulos, nesta tradução, seja bene, em detrimento a bom.

Outra característica importante do Vocabulário B reside no fato de nenhuma palavra nele presente ser ideologicamente neutra. Muitas inclusive se tratam de eufemismos, a fim de evitar a obscura significação por trás de si, como é o caso de se referir aos campos de trabalho forçados como campofolia e ao ministério que tratava de assuntos bélicos não como Ministério da Guerra, mas Ministério da Paz. Em adição, algumas palavras podem ser ambivalentes e ter seu significado variável de acordo com quem invocam, tendo caráter positivo em se tratando do partido e negativo perante inimigos (Orwell, 2021, p. 362).

Em suma, todas as palavras que possuem algum significado político se encontram inseridas no vocabulário B, sejam nomes de organizações, doutrinas, países, instituições, edifícios públicos ou grupos de pessoas. Ademais, todas são encurtadas e abreviadas a fim de formar uma palavra única, com pronúncia fácil e menor número possível de sílabas. Como exemplo temos Dereg para o Departamento de Registros, Defic para o Departamento de Ficção e Detel para o Departamento de Teleprogramas (Orwell, 2021, p. 362).

Vale ressaltar, no entanto, que o objetivo do teor redutivo “não era apenas poupar tempo [...] a tendência de usar abreviações como essa era particularmente pronunciada em países e organizações de caráter totalitário” (Orwell, 2021, p. 362-363); trata-se, portanto, de um mecanismo consciente e característico da linguagem política, presente em organizações extremistas como o Nazismo, abreviado usualmente como nazi, e a organização Internacional Comunista, ou Comintern. Tal redução se justifica pelo fato de que palavras mais longas exigem um certo nível de reflexão, mas suas versões encurtadas se pronunciam de maneira quase que automática, não exigindo um processo de cognição e ressignificando os termos, de forma a facilitar o controle das mentes e disseminação de ideologias (Orwell, 2021, p. 362-363). Eric Arthur Blair esclarece as estratégias utilizadas e os seus respectivos efeitos, como pode ser observado no excerto infracitado.

A intenção era transformar a fala, sobretudo quando o assunto não fosse ideologicamente neutro, em algo tão independente quanto possível da consciência. No âmbito da vida cotidiana, era sempre ou por vezes necessário pensar antes de falar, porém um membro do Partido instado a fazer um julgamento político ou ético devia ser capaz de emitir opiniões corretas com o automatismo com que uma metralhadora dispara uma saraivada de balas. [...] Toda redução era um ganho, vez que quanto menor fosse a possibilidade de escolha, mais tênue seria a propensão ao pensamento. Contava-se chegar um dia a falas articuladas que emergissem da laringe sem nenhuma participação dos centros mais elevados do cérebro (Orwell, 2021, p. 364).

O processo automático de replicação de ideais políticos sem a necessidade de pensamento é chamado de patofala, como no grasnar de um pato. Dentre as várias palavras ambivalentes, esta é um bom exemplo, podendo ser um elogio caso as grasnadas fossem ortodoxas, e um insulto em caso de heterodoxia. Um membro do Partido poderia receber um enorme apreço no jornal ao ser chamado de um orador patofalosodiplomaisbom (Orwell, 2021, p. 364). Este neologismo é um aglutinado composto da superlativização da ênfase imbuída na adjetivação da fala de um pato, ou seja, um membro alienado e sem consciência plena que repete o que ouve sem questionar as ideologias. Esta definição representa uma grande parcela da população e implica em uma fala considerada ortodoxa pelo autoritarismo.

Por fim, o 'Vocabulário C' é uma categoria formada por termos técnicos e científicos, que são específicos em áreas de especialização diversas. Como não existia na *Oceânia*, estado fictício da obra, a ciência enquanto o conceito que conhecemos, e visto que era preferível que as pessoas tivessem acesso a menor quantidade de conhecimento possível, as listas vocabulares deste grupo eram restritas e conhecidas por poucos, sendo possível apenas a obtenção de termos estritamente necessários para a realização de seus serviços em prol do *Ingsoc* (Orwell, 2021, p. 364-365).

Dessa forma, percebemos que há, por parte da tradução, uma tentativa em adaptar o contexto da obra para seus leitores, mas há também uma escolha deliberada em reconhecer as limitações quanto ao acesso à cultura estrangeira. Ao retomarmos a expressão italiana *Traduttore, Traditore*, podemos expandir a

BERNARDINO, T. G.; MARINS, L. C. A saga do tradutor traído: flexões lexicais da *conlang* orwelliana em tradução brasileira

discussão sobre a real função do tradutor. Se definirmos uma tradução interpretativa como uma “traição ao original”, qual texto seria passível de ser reconhecido como “fiel”? Lenita Maria Rímoli Esteves (2014, p. 46) levanta esse questionamento, afinal “qual é a tradução que não é uma adaptação? E quando é que uma adaptação não é uma tradução?”. Se toda tradução é adaptação, e vice-versa, como é proposto pela concepção pós-moderna de tradução, o tradutor nunca será um traidor, apenas estará exercendo seu poder de leitura e demarcando sua voz, a qual é co/re/construtora do texto.

Considerações finais

Ao compararmos os paradigmas flexionais dos neologismos orwellianos e seus correspondentes na versão brasileira de Jahn e Hubner (Orwell, 2021), pudemos observar, de forma sucinta, a maneira pela qual a cultura linguística de um povo, bem como os objetivos e conhecimentos de mundo de um tradutor, estão presentes nas traduções, desvinculando-as da obra-base e ressaltando seu fator de ineditismo, independência e originalidade. Se o uso de *conlangs* exerce uma função de criação e ambientação nas distopias, a tradução e adaptação destas também implica a co/re/criação artística nestas obras literárias.

Com base em Rosvitha Friesen Blume e Patricia Peterle (2013, p. 85-86), podemos afirmar que a partir de uma tradição que atribui significados fixos ao dito texto original, a luta pela definição de uma “verdade” é definida em favor dos autores, que são vistos como senhores do direito interpretativo, donos do significado de seus textos. No entanto, com a atribuição deste respeito incondicional à originalidade, os tradutores se alijam de seus direitos e privilégios de autoria, além de serem chamados traidores e incompetentes e ser deles requisitado uma espécie de invisibilidade, para que sejam impessoais e humildes (Blume; Peterle, 2013, p.85-86).

O que se chama de traição, no entanto, nada mais é do que a função primordial do agente tradutório: a leitura. O tradutor é o leitor por excelência, um leitor profissional que exerce o seu poder de re/criar a partir da interpretação

analítica. O próprio ato de ler é uma forma de poder, assim como há este exercício de poder ao se atribuir significados e/ou procurar consolidar uma leitura em detrimento à outra (Blume; Peterle, 2013, p.10), o que pode ser observado para além do âmbito individual, pois há, indubitavelmente, um exercício de poder na seleção de textos para o cânone literário, para bibliotecas escolares e para os conteúdos programáticos de um processo avaliativo, por exemplo.

Outro desafio tradutório diz respeito à criação de palavras novas, ou neologismos, já que o tradutor pode se encontrar em dúvida sobre os limites de sua liberdade em traduzir. Se por um lado há a convicção de que a tradução mais “adequada” deva trazer um neologismo correspondente ao que se encontra presente no texto-fonte, por outro, há um receio em se inovar (Esteves, 2014, 66-67). No entanto, diversos são os motivos pelos quais um autor se depara com a criação de termos novos; para Orwell, por exemplo, este artifício visa demonstrar o poder político imbuído na linguagem, criando um contexto hiperbólico de restrição do pensamento e manipulação ideológica.

Tendo em vista estes pontos, defendemos a ideia de que o tradutor não só pode como deve assumir o papel de *conlanger* durante o processo de tradução do ‘1984’ e obras semelhantes. Visto que a *conlang* é *a posteriori* e, portanto, baseada em uma cultura e língua específicas e já existentes, esta demanda adequações e localizações para adentrar realidades alvo distintas da melhor forma possível. Por este motivo, o agente tradutório deve se desvincular da ideia de ser um traidor em potencial e demarcar deliberadamente a sua voz enquanto co/re/criador linguístico-literário. A partir disso deve buscar romper o tradicionalismo do mercado e argumentar acerca de suas escolhas e ideologias, com o intuito de não ser mais invisibilizado nem submisso, mas saber se justificar e aceitar a sua saga de tradutor, até então, traído.

Referências

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução**: a teoria na prática. São Paulo: Ática, 1999.

BERNARDINO, T. G.; MARINS, L. C. A saga do tradutor traído: flexões lexicais da *conlang* orwelliana em tradução brasileira

BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia (Orgs.) **Tradução e relações de poder**. Tubarão: Copiart, 2013.

BONFIM, Yohana Gonçalves. 1984 e Lua de larvas: o reflexo da idealização utópica na distopia.

Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 8, n. 3, p. 01-22, set.-dez. 2019.

DOI: 10.47295/mgren.v8i3.2154. Disponível em:

<https://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/2154> . Acesso em: 7 abr. 2026.

ESTEVES, Lenita Maria Rímoli. **Atos de tradução**: éticas, intervenções, mediações. São Paulo: Humanita, 2014.

NOLETTO, Israel Alves Corrêa; NORLEDGE, Jessica; STOCKWELL, Peter (Org.). **Reading Fictional Languages**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2024.

OLIVEIRA, Júlia Silva de; SILVA, Eduardo Miguel da; MARQUES, Henrique da Silva. A UTOPIA E A DISTOPIA NA LITERATURA: GABRIEL DE FOIGNY E GEORGE ORWELL. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 266–274, 2020. DOI: 10.30681/real.v13i1.4266. Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reactl/article/view/4266>. Acesso em: 2 ago. 2025.

ORWELL, George [Eric Arthur Blair]. **1984**. Posfácio: Erich Fromm. Nova Iorque: Signet Classics, c1977.

ORWELL, George [Eric Arthur Blair]. **1984**: Edição Especial. Tradução: Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

*Recebido em: 17/04/2026
Aprovado em: 04/05/2026*

